

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 1-14, abr.-jun. 2021 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2021.2.36079</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Escala de Percepção de Causas do Estupro (EPCE): adaptação ao contexto brasileiro

Perceived Causes of Rape Scale (PCRS): adaptation to the brazilian context

Escala de Percepción de Causas de Violación (EPCV): adaptación al contexto brasileño

Franciléia Lopes Silva¹

orcid.org/0000-0002-1967-2830
francicleia.psi@hotmail.com

Heloísa Bárbara Cunha

Moizéis¹

orcid.org/0000-0003-0477-8410
heloisabarbara96@gmail.com

Gleidson Diego Lopes

Loureto¹

orcid.org/0000-0002-0889-6097
diegoloureto.dl@gmail.com

Alessandro Teixeira

Rezende¹

orcid.org/0000-0002-5381-2155
als_tx29@hotmail.com

Valdiney Veloso

Gouveia¹

orcid.org/0000-0003-2107-5848
vgouvei@gmail.com

Recebido em: 11 nov. 2019.

Aprovado em: 10 fev. 2020.

Publicado em: 10 ago. 2021.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: Foram realizados dois estudos com estudantes universitários a fim de reunir evidências psicométricas da adaptação da Escala de Percepção de Causas do Estupro (EPCE) ao contexto brasileiro. O Estudo 1 contou com 220 pessoas com idade média de 23,5 anos ($DP = 7,56$; variaram de 18 a 63 anos) (64,5% do sexo feminino), enquanto no Estudo 2 participaram 203 indivíduos com idade média de 21,4 anos ($DP = 5,17$; variaram de 18 a 51 anos) (54,2% do sexo feminino), todos responderam perguntas demográficas, a EPCE e uma medida de atitudes negativas frente a vítimas de estupro. As análises corroboraram a estrutura fatorial de 5 componentes, com índices de consistência interna variando entre 0,92 e 0,70. Ademais, observou-se uma correlação positiva da EPCE com atitudes negativas frente a vítimas (validade convergente). Concluindo, esta escala apresentou evidências de validades fatorial e convergente, além de consistência interna, apoiando seu uso em estudos futuros.

Palavras-chave: estupro, causa, culpa, escala, validade

Abstract: Two studies with university students were conducted with the objective of adapting to the Brazilian context the *Rape Causes Perception Scale (RCPS)*, gathering evidence of its factorial and convergent validities and reliability. Study 1 had 220 people with a mean age of 23.5 years old ($SD = 7.56$; ranged from 18 to 63 years) (64.5% female), while in Study 2 participants were 203 individuals with a mean age 21.4 years old ($SD = 5.17$; ranged from 18 to 51 years) (54.2% female), all having answered demographic questions, the RCPS and a measure of negative attitudes towards rape victims. The analyzes corroborated its theoretical structure of five components, presenting reliability coefficients ranging from 0.70 to 0.92. In addition, a positive correlation between RCPS and negative attitudes towards victims was observed (convergent validity). In conclusion, this scale showed evidence of factorial and convergent validity, as well as reliability, supporting its use in future studies.

Keywords: rape, cause, guilt, scale, validity

Resumen: Se realizaron dos estudios con estudiantes universitarios con el fin de reunir evidencia psicométrica de la adaptación de la *Escala de percepción de causa de violación (EPCV)* al contexto brasileño. El Estudio 1 tuvo 220 personas con una edad promedio de 23.5 años ($DE = 7.56$; rango de 18 a 63 años) (64.5% mujeres), mientras que en el Estudio 2, 203 individuos con una edad promedio 21.4 años ($DE = 5.17$; rango de 18 a 51 años) (54.2% mujeres), todas respondieron preguntas demográficas, EPCV y una medida de actitudes negativas hacia las víctimas de violación. Los análisis corroboraron la estructura factorial de 5 componentes, con índices de consistencia interna que varían de 0.92 a 0.70. Además, hubo una correlación positiva de EPCV con actitudes negativas hacia las víctimas (validez convergente). En conclusión, esta escala mostró evidencia de validez factorial y convergente, así como de consistencia interna, apoyando su uso en futuros estudios.

Palabras clave: violación, causa, culpa, escala, validez

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil.

O Brasil configura-se como um dos países mais violentos para as mulheres. Isso pode ser observado em uma pesquisa de 2018 divulgada pelo Escritório de Nações Unidas para Crime e Drogas (UNODC), no qual revelou que a taxa de homicídio global contra as mulheres foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2017, enquanto no Brasil esse número subiu para quatro mulheres mortas a cada 100 mil em 2018, isto é, 74% superior à média mundial (Bueno & Lima, 2019). Nessa direção, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2015) mostrou que no Brasil a cada 11 minutos uma mulher é estuprada, além disso, recentemente foi divulgado que em 2018 houve o maior índice de registros de estupros, sendo 66.041 registro, 180 ocorrências por dia (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019). De acordo com esses dados o estupro se configura como uma das violências contra as mulheres com maior índice de crescimento.

A palavra estupro advém do latim *stuprum* que significa forçar outrem a relações sexuais contra sua vontade, fazendo-se uso de violência ou de ameaças físicas e psicológicas (Ferreira, 1999). Para isso, a violência sexual constitui-se dentro de um diálogo entre aspectos sociais, numa relação de dominação entre os gêneros, em que esta se manifesta por meio da cultura machista, que reforça e endossa a virilidade masculina, sendo a violência, neste panorama, admissível e não raras vezes estimulada (Sommacal & Tagliari, 2017). Em contrapartida, a sexualidade da mulher, por sua vez, sempre esteve regada e em constante análise, percepção que se estende ao poder judiciário que compromete a visão dos julgamentos de casos de estupro, majoritariamente envolvendo como ator ou perpetrador o homem (McKimmie et al., 2014). A figura da mulher enquanto perversa e, conseqüentemente, sedutora e responsável por esse tipo de violência está implícita em diversos contextos, sendo reforçado por um discurso bíblico que coloca o homem como um ser descontrolado diante dessa sedução, justificado por presumível excesso de testosterona ou uma condição instintual (Nascimento, 2016).

Diante desse cenário, nota-se que o estupro

não é uma realidade que se restringe à modernidade e o mundo ocidental, mas uma violência que acompanha toda a história da civilização. Desde a pré-história, o estupro exercia a "Lei do Mais Forte", o que tornava essa ação uma prática corriqueira (Campos, 2016). Em Hamurabi, por exemplo, já se previa o delito de estupro e em seu art. 130 penalizava com morte casos de violência sexual contra mulheres comprometidas e virgens (Maia, 2017); já os povos romanos compreendiam o estupro apenas contra mulheres virgens e solteiras, bem como "honestas", o que excluía as prostitutas e os casos de violência sexual interconjugal, em que era necessário que as vítimas de estupro apresentassem evidências de violência física, a fim de provar a resistência à agressão (Melo et al., 2014). À vista disso, o estupro, por vezes, era tido como um "direito" do homem sobre as mulheres de sua propriedade (e.g., esposa, irmã, filhas e sobrinhas), como também a exibição de um "troféu" já que esta violência era tida como uma expressão de seu poder (Campos, 2016).

No contexto brasileiro, a compreensão acerca do estupro enquanto uma violência só foi percebida no século XX, um exemplo que ilustra essa realidade é o primeiro decreto de lei que penalizava o estupro, ao qual se refere a lei n° 2.848 de 1940, que compreendia o estupro como uma prática sexual forçada contra mulheres "honestas" mediante fraude, violência ou ameaças (Brasil, 2009), antes desse decreto o estupro não era compreendido como uma violência passível de punição no contexto brasileiro (Braga Júnior & Braga, 2015). Esse decreto só veio sofrer alterações no ano de 2009, quase sete décadas depois. Esse hiato reitera a compreensão de que o estupro tem caráter privado, restrito apenas a instâncias individuais acerca dos envolvidos (vítimas e agressores), desresponsabilizando instituições governamentais sobre a violência sexual.

No que se refere à percepção do estupro, os estudos se voltam para a compreensão que os sujeitos têm acerca da vítima e do agressor, a exemplo disso, observa-se o crescente aumento dos estudos acerca da compreensão dos mitos de

estupro, isto pode ser verificado com uma simples busca com os descritores "mitos de estupro" na ferramenta *Google Scholar*, ao qual verificou um resultado de mais de 12 mil produções na língua portuguesa acerca do tema nos últimos cinco anos. Quando alterado o idioma da busca para o inglês, ou seja, com o termo "*rape myths*", o número é ainda maior, resultando em mais de 17 mil produções. Segundo Buchwald et al. (1993) os mitos de estupro consideram a violência sexual como um conjunto de crenças que encorajam agressões sexuais masculinas e dão suporte a violência contra a mulher, admitindo as mulheres como sensuais e merecedoras da violência sofrida.

No âmbito das pesquisas acerca dos mitos de estupro, Burt (1980) desenvolveu uma medida para avaliar tais crenças, denominada como *Rape Myth Acceptance Scale* (RMAS), que tem sido criticada devido à ambiguidade de alguns de seus itens e à ausência de evidências acerca da consistência interna de seus fatores. Com isso, as pesquisas sobre a percepção da causalidade e culpabilização do estupro sofreu forte influência deste instrumento e se voltaram aos mitos de estupro, entretanto ao admitir que este fenômeno é multifacetado, no presente artigo, buscar-se-á adaptar um instrumento mais contextualizado e de melhor performance para a mensuração da percepção de causa e culpa do estupro, com isso, foram realizadas buscas em bases e ferramentas de dados: *PubMed*, *BVS* e *Google Scholar*, em 2 de maio de 2019, fixando o período dos últimos cinco anos, empregando-se as expressões, em português e inglês, "atribuição de causalidade", "*causal attribution*", "estupro", "*rape*", "escala", "*scale*", "medida" e "*measure*", foram encontrado 13 instrumentos.

Destes, somente um é utilizado no contexto brasileiro: a *Illinois Rape Myth Acceptance Scale* (IRMAS), desenvolvida por McMahon e Farmer (2011), uma versão reduzida da *Illinois Rape Myth Acceptance Scale* (Payne et al., 1999), composta por 22 itens (e.g., Todas as mulheres devem ter acesso a aulas de autodefesa; Se uma mulher não revida fisicamente, você não pode dizer que foi estupro), os quais são respondidos em escala tipo Likert, variando de 1 (concordo totalmente) a 5 (discordo

totalmente), cobrindo quatro das sete dimensões dos estereótipos de estupro da escala original: "Ela pediu" ($\alpha = 0,78$), "Ele não quis" ($\alpha = 0,69$), "Não foi realmente estupro" ($\alpha = 0,79$) e "Ela mentiu" ($\alpha = 0,87$). Essa versão reduzida foi adaptada para o Brasil por Scarpati et al (2014), demonstrando que tais fatores apresentavam consistência interna aceitável para fins de pesquisa: "Ela pediu" ($\alpha = 0,74$), "Ele não quis" ($\alpha = 0,68$), "Não foi realmente um estupro" ($\alpha = 0,71$) e "Ela mentiu" ($\alpha = 0,64$).

Apesar do conceito de mitos de estupro trazer a compreensão da violência como algo "contextual" poucos estudos se debruçam empiricamente acerca das causas do estupro considerando uma ótica social, incluindo a cultura e o governo como instâncias responsáveis pela violência sexual (Almeida et al., 2019). Sendo assim, a perspectiva de cunho mais individual pode ater-se a discussões de aspectos que reforçam a compreensão da violência como um problema singular, limitado aos envolvidos, assim, isso acaba negligenciando questões mais contextuais e sociais que podem influenciar e justificar a percepção do estupro, como a ausência de educação sexual nas escolas (Oliveira, 2019) e a falta de políticas públicas interventivas e preventivas para o estupro (Silva, 2016).

Pensando nisso, Cowan e Quinton (1997) desenvolveram um instrumento de mensuração acerca da percepção da causa do estupro nomeada como *Perceived Causes of Rape Scale* (Escala de Percepção de Causas do Estupro; EPCE). Essa escala é formada por 32 itens que se agrupam, teoricamente, em cinco fatores, que visam compreender a violência sexual por meio de dois estilos, o estilo individual e social. O primeiro estilo agrupa os seguintes fatores: *Culpabilização da vítima* (e.g., O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres; O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual; $\alpha = 0,90$), *Sexualidade masculina* (e.g., O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual; O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres, $\alpha = 0,83$), e *Hostilidade masculina* (e.g., O estupro é causado por homens que exibem sua hostilidade contra as mulheres; O estupro é causado por homens que

são muito diferentes dos "caras comuns" (homens que são "esquisitos"); $\alpha = 0,81$). Por outro lado, os sociais compreendem a *Dominação masculina* (e.g., O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens; O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres; $\alpha = 0,87$) e *Sociedade e Socialização* (e.g., O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade; O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys; $\alpha = 0,85$).

Essa escala procura avaliar a percepção que as pessoas têm das causas do estupro de uma maneira mais abrangente, sendo mais inclusiva que medidas prévias. Além disso, há evidências na literatura acerca de sua consistência interna em diferentes contextos (Krahé et al., 2007), sendo empregada a fim de conhecer a percepção de causas de diferentes tipos de estupro, tais como, conjugal, cometido por desconhecidos, envolvendo força física ou não, servindo ainda para compreender os mitos de estupro (Cowan, 2000).

É nesta direção que o presente artigo visa a adaptação da medida de Cowan e Quinton (1997), considerando a relevância da temática da percepção do estupro, sobretudo suas implicações que perpassam o judiciário e as áreas médicas e assistenciais (Ward, 1988), demandando discussões no âmbito da saúde e políticas públicas no Brasil. Dessa forma, este estudo tem o intuito de contribuir para a ampliação da compreensão dos motivos que levam ao estupro por meio de estudos empíricos acerca do tema, adaptando para o contexto nacional a Escala de Percepção de Causas do Estupro (EPCE), reunindo evidências de sua validade fatorial, validade convergente e consistência interna. Para isso, realizaram-se dois estudos, que serão descritos a seguir.

Estudo 1. Adaptação da Escala de Percepção de Causas do Estupro

Este primeiro estudo teve por objetivo adaptar a escala Perceived Causes of Rape (Cowan & Quinto, 1997) ao contexto brasileiro, traduzindo-a do inglês para o português e logo reunindo evidências iniciais de sua validade fatorial e consistência interna.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 220 estudantes universitários com idade média de 23,5 anos ($DP = 7,56$; amplitude de 18 a 63 anos), sendo a maioria do sexo feminino (64,5%), solteira (82,1%) e heterossexual (79,2%). Tratou-se de uma amostra por conveniência, tendo participado as pessoas que, presentes em sala de aula, concordaram em colaborar voluntariamente.

Instrumentos

Os participantes responderam a Escala de Percepção de Causas do Estupro (EPCE) (Cowan & Quinton, 1997), descrita anteriormente, e perguntas sociodemográficas (idade, sexo, estado civil e orientação sexual).

Procedimento

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável (CAAE nº 12187419.6.0000.5188). Após a aprovação, procedeu-se com a tradução da EPCE, que teve em conta três psicólogos bilingues; o primeiro a traduziu do inglês para o português e, posteriormente, outro fez sua tradução reversa, do português para o inglês. Por fim, compararam-se as duas versões em inglês, aferindo que a versão em português foi adequada, não havendo qualquer necessidade de modificação. Procedeu-se, então, a validação semântica da escala, tendo em conta a colaboração de três estudantes do curso de psicologia de uma universidade pública, verificando-se a clareza das instruções e dos itens, além da adequação da escala de resposta.

Não obstante, seguiu-se com a coleta de dados por meio de questionários impressos, assegurando-se o anonimato e a confidencialidade das respostas dos participantes, que responderam individualmente, embora em contexto coletivo de sala de aula. Conforme recomendações éticas (Resolução CNS nº 510/16), todos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, sendo informados sobre a natureza voluntária da participação e que poderiam deixar o estudo sem qualquer ônus. Em média, 20 minutos foram suficientes para concluir sua participação.

Análises de dados

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* SPSS (versão 21). Calcularam-se estatísticas descritivas, teste *t* de Student, análise de componentes principais (CP) e análise paralela. Além disso, computou-se a consistência interna (alfa de *Cronbach*) de cada fator da medida, admitindo-se valor mínimo de 0,60 como indicativo de adequação da escala para fins de pesquisa (Pasquali, 2012).

Resultados

Inicialmente, checou-se o poder discriminativo dos itens a partir de grupos-critério interno, examinando se havia algum item que não diferenciava os respondentes com magnitudes próximas no traço latente de interesse. Adotou-se a mediana empírica de todos os itens ($Md = 3,25$) para definir os grupos-critério inferior (3,24) e superior (3,26), comparando-se as médias destes grupos por meio do teste *t de Student* para amostras independentes. Somente o item 32 não foi discriminativo (O estupro é causado por homens que são mentalmente doentes) ($t < 1$). Contudo, decidiu-se incluí-lo em análises subsequentes com a finalidade de observar como se comportava.

No que se refere à fatorabilidade dos dados, foram analisados o teste de adequação da amostra (*Kaiser-Meyer-Olkin*; *KMO*), considerado adequado (0,87) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett*, que apresentou um resultado significativo [$\chi^2 (496) = 4.549,45, p < 0,001$]. Portanto, houve suporte para se realizar uma análise dos componentes principais. Procedeu-se a esse tipo de análise sem

fixar rotação ou número de componentes a extrair. Considerando o critério de *Kaiser* (valor próprio igual ou superior a 1), observou-se a possibilidade de extrair sete componentes: 8,28, 5,70, 2,52, 2,13, 1,54, 1,27 e 1,03, que explicaram conjuntamente 70,3% da variância total. Adotando o critério de Cattell (distribuição gráfica dos valores próprios, desprezando aqueles a partir do ponto de inflexão da curva ou quando se forma um "cotovelo", poder-se-ia admitir quatro componentes.

Por fim, checou-se a solução mais adequada por meio do critério de Horn (análise paralela (preponderância dos valores próprios observados em relação aos simulados)), considerando 1.000 bancos de dados que simularam a presente pesquisa, isto é, 220 participantes e 32 itens, sendo os sete primeiros valores próprios gerados aleatoriamente: 1,79, 1,68, 1,60, 1,53, 1,46, 1,41 e 1,35. Neste caso, contrastando esses valores com aqueles observados empiricamente, confirmou-se a retenção de cinco componentes, os quais apresentaram valores próprios superiores aos simulados. Dessa forma, foi realizada uma nova análise de componentes principais fixando a extração de cinco fatores, retendo os itens com saturação igual ou superior a 0,40. Dois itens não atenderam este critério (itens 19 e 32) e outros cinco apresentaram saturações acima de 0,30 em dois ou mais componentes (itens 22, 25, 26, 27 e 28). Dessa forma, eliminaram-se esses sete itens. Os cinco componentes explicaram conjuntamente 63,34% da variância total, sendo seus parâmetros detalhados na Tabela 1 e sumarizados a seguir.

Tabela 1 – Estrutura fatorial da escala de Percepção de Culpa no Estupro (PCR)

Itens	Descrição do conteúdo	Fator				
		I	II	III	IV	V
09	O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais.	0,90	0,20	-0,02	-0,04	-0,02
08	O estupro é causado pela crença de que os homens são dominantes sobre as mulheres.	0,90	0,18	-0,03	-0,04	-0,05
07	O estupro é causado pela crença de que as mulheres são propriedades dos homens.	0,90	0,19	-0,02	-0,00	-0,02
10	O estupro é causado pela crença de que as mulheres são inferiores aos homens.	0,88	0,22	-0,04	0,01	-0,04
11	O estupro é causado pela necessidade dos homens de colocar as mulheres em seu "lugar".	0,74	0,22	-0,04	0,18	-0,00
12	O estupro é causado pela crença dos homens de que a força é excitante para as mulheres.	0,63	0,31	-0,14	0,16	0,05
23	O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres.	0,27	0,82	0,08	-0,10	-0,02
20	O estupro é causado pela violência contra a mulher nos filmes e na televisão.	0,02	0,72	0,09	0,11	0,08
24	O estupro é causado pelas crenças sociais de que a dominância e a submissão são sexys.	0,34	0,71	0,00	0,02	0,14
21	O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade.	0,33	0,67	-0,03	-0,03	-0,05
04	O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual.	-0,07	0,03	0,88	0,11	0,08
03	O estupro é causado pelo uso de álcool ou drogas por parte das mulheres.	-0,08	0,08	0,78	0,06	0,12
05	O estupro é causado por mulheres que permitem que a situação saia do controle.	-0,10	-0,07	0,77	0,21	0,15
01	O estupro é causado por mulheres que provocam homens.	-0,07	0,03	0,75	0,15	-0,05
02	O estupro é causado por mulheres que permitem que homens as toquem de maneira íntima.	-0,02	0,015	0,75	0,14	-0,03
06	O estupro é causado por mulheres que fazem coisas perigosas (tais como sair sozinha, pegar carona).	0,03	-0,22	0,68	0,05	0,31
14	O estupro é causado pelo fato de homens terem mais necessidades sexuais que mulheres.	0,04	0,04	0,18	0,89	0,04
15	O estupro é causado pelo fato de homens não terem sexo suficiente em suas relações.	-0,03	0,02	0,015	0,87	0,05
16	O estupro é causado pelo fato de homens serem biologicamente predadores, enquanto as mulheres são presas.	0,00	-0,04	0,09	0,79	0,16
13	O estupro é causado pelo fato de homens terem disposição sexual mais forte que mulheres.	0,14	0,05	0,18	0,78	0,13

Itens	Descrição do conteúdo	Fator				
		I	II	III	IV	V
18	O estupro é causado pelo impulso dos homens de transmitir seus genes.	0,21	-0,06	0,17	0,56	0,38
17	O estupro é causado por homens frustrados por relações sexuais sem sucesso.	-0,09	0,18	0,05	0,50	0,33
30	O estupro é causado por homens que não foram amados, que sofreram abuso ou que foram negligenciados quando criança.	0,10	0,16	0,09	0,09	0,75
31	O estupro é causado por homens que são muito diferentes dos "caras comuns" (homens que são "esquisitos").	0,00	0,00	0,13	0,15	0,67
29	O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens.	0,02	0,39	-0,11	0,19	0,53
	Itens	6	4	6	6	3
	Valor próprio	8,28	5,70	2,52	2,13	1,54
	% Variância total explicada	25,90	17,82	7,89	6,66	4,83
	Alfa de Cronbach	0,96	0,83	0,86	0,84	0,70

Nota. * Itens ordenados de acordo com a magnitude de suas cargas fatoriais.

Componente I. Dominação Masculina (DM). Este componente agrupa seis itens com saturação variando de 0,63 (item 12. O estupro é causado pela crença dos homens de que a força é excitante para as mulheres) a 0,90 (item 9. O estupro é causado pela crença dos homens de que é direito deles usar qualquer mulher para fins sexuais), tendo valor próprio de 8,28, correspondendo à explicação de 25,9% da variância total. Este componente é caracterizado por crenças da cultura machista e de desigualdade de gênero. Sua consistência interna foi 0,96, tendo homogeneidade (correlação média inter-itens, r_{ij}) de 0,68.

Componente II. Sociedade / Socialização (SS). Este componente é composto por quatro itens, apresentando saturação variando de 0,67 (item 21. O estupro é causado pela aceitação da violência por parte da sociedade) a 0,82 (item 23. O estupro é causado pela maneira como a mídia retrata as mulheres), compreendendo valor próprio de 5,70, que explicou 17,8% da variância total. Trata-se de uma instância mais estrutural, admitindo o estupro como consequência de problemáticas sociais. A consistência interna deste componente foi 0,83, apresentando homogeneidade de 0,55.

Componente III. Culpabilização da Vítima (CV). Este componente agrupa seis itens com saturação variando de 0,68 (item 6. O estupro é causado por mulheres que fazem coisas perigosas (tais como sair sozinha, pegar carona)) a 0,88 (item 4. O estupro é causado por mulheres que se vestem de maneira sensual), com valor próprio de 2,25, explicando 7,9% da variância total. Ele agrupa itens que caracterizam os mitos de estupro, colocando a vítima como responsável pela violência, tendo apresentado consistência interna de 0,86 e homogeneidade de 0,55.

Componente IV. Sexualidade Masculina (SM). Seis itens são agrupados neste componente, apresentando saturações entre 0,50 (item 17. O estupro é causado por homens frustrados por relações sexuais sem sucesso) e 0,89 (item 14. O estupro é causado pelo fato de homens terem mais necessidades sexuais que mulheres), apresentando valor próprio de 2,13, explicando 6,6% da variância total. O conteúdo dos itens, descrevem os homens como possuidores de uma sexualidade desregrada e violenta. Sua consistência interna foi de 0,84 e homogeneidade de 0,52.

Componente V. Hostilidade Masculina (HM). Este

componente reuniu três itens cujas saturações variaram de 0,53 (item 29. O estupro é causado por sentimentos de inferioridade, insuficiência e baixa autoestima dos homens) a 0,75 (item 30. O estupro é causado por homens que não foram amados, que sofreram abuso ou que foram negligenciados quando criança), com valor próprio de 1,54, explicando 4,8% da variância total. Endossam-se crenças do estuprador como uma figura problemática e com características particulares. Seu alfa de *Cronbach* foi de 0,70, apresentando homogeneidade de 0,44.

Em resumo, esta medida apresentou estrutura fatorial que se aproximou daquela encontrada em sua versão original. Não obstante, este foi um estudo exploratório, demandando-se testar a adequação desta estrutura pentafatorial, contrastando-a, por exemplo, com uma unifatorial. Isso se realiza no próximo estudo.

Estudo 2. Escala de Percepção de Causas do Estupro: Comprovação da estrutura

O presente estudo teve como objetivo replicar a estrutura de cinco fatores da EPCE. Especificamente, buscou-se reunir evidências mais robustas (análise fatorial confirmatória) acerca da dimensionalidade desta medida, checando também a consistência interna de seus fatores, ademais de reunir evidências de validade convergente desta escala com a Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro (Barbosa, 2017; Ward, 1996).

Método

Participantes

Contou-se com a participação de 203 estudantes universitários com idades variando entre 18 e 51 anos ($M = 21,4$, $DP = 5,17$), sendo a maioria do sexo feminino (54,2%), solteira (83,1%) e heterossexual (79,9%). Tratou-se de amostra não aleatória, tendo participado os estudantes que, presentes em sala de aula, decidiram colaborar voluntariamente.

Instrumentos

Além de perguntas sociodemográficas (idade, sexo, estado civil e orientação sexual), os parti-

cipantes responderam a Escala de Percepção de Causa no Estupro (Estudo 1) e a Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro (EAVE). Essa medida foi desenvolvida por Ward (1988), tendo sido adaptada ao contexto brasileiro por Barbosa (2017), compreendendo 25 itens respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente). Apesar da versão original deste instrumento pressupor sua unidimensionalidade (Ward, 1988), em sua adaptação Barbosa (2017) defende uma estrutura com três fatores: *credibilidade da vítima* (CV; e.g., Uma mulher que foi estuprada é uma mulher menos desejável), *merecimento da vítima* (MV; e.g., Mulheres sexualmente experientes não são realmente agredidas por estupro) e *culpa da vítima* (CV; e.g., Uma mulher estuprada geralmente é uma vítima inocente – sentido inverso).

Procedimento

Esta pesquisa foi inserida na proposta geral do projeto de pesquisa anteriormente aprovado pelo Comitê de Ética (Estudo 1). A coleta de dados foi realizada por meio de questionários impressos, assegurando-se o anonimato e a confidencialidade das respostas dos participantes, que foram abordados em contexto coletivo de sala de aula, porém participaram respondendo individualmente os instrumentos. Todos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, sendo informados sobre a possibilidade de abandonar o estudo sem penalização. Em média, os participantes levaram em média 20 minutos para concluir sua participação.

Análises de dados

Os dados foram analisados com os programas *SPSS* e *AMOS* (versões 21). O primeiro possibilitou calcular estatísticas descritivas, correlações de Pearson e alfas de Cronbach, enquanto o segundo permitiu realizar as análises fatoriais confirmatórias. Neste caso, considerou-se como entrada a matriz de covariância, adotando-se o estimador *Maximum Likelihood* (ML). Com o fim de verificar a qualidade de ajuste dos modelos testados, tiveram-se em conta múltiplos indicadores (Byrne, 2010; Hair et

al., 2009; Tabachnick & Fidell, 2013): (1) a razão χ^2 / g.l. (qui-quadrado / graus de liberdade), sendo recomendáveis valores entre 2 e 3, admitindo-se até 5 como indicativo de ajuste adequado; (2) *Goodness-of-Fit Index (GFI)* e *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)*, cujos valores variam de 0 a 1, com aqueles próximos a 0,90 indicando um ajustamento satisfatório; (3) o *Comparative Fit Index (CFI)*, sendo um índice comparativo em que valores mais próximos de 1 indicam melhor ajuste, com 0,90 sendo a referência para aceitar o modelo; (4) o *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, que se baseia em valores residuais, sendo mais ajustado quanto mais próximo de zero; admitem-se valores de até 0,10, porém geralmente 0,08 é o ponto de corte; e (5) o *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o (6) *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)*, cujos valores mais baixos indicam melhor ajuste do modelo.

Resultados

Considerando os achados do Estudo 1, checou-se a adequação de uma estrutura com cinco fatores para a EPCE, sendo os indicadores meritórios: χ^2 /g.l. = 2,01, GFI = 0,82, AGFI = 0,78, CFI = 0,90 e RMSEA = 0,07 (IC90% = 0,062-0,080). Ressalta-se que todos os pesos fatoriais (lambdas) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), variando entre 0,40 (item 17) e 0,89 (item 9). Estes índices comparados a um modelo unifatorial ratificam a adequação da estrutura pentafatorial como o mais adequado ao contexto brasileiro, sobretudo considerando os valores de ECVI e CAIC, que foram maiores para o modelo unifatorial (8,55; 1952,5, respectivamente) quando comparados ao pentafatorial (3,47; 969,4, respectivamente).

Conhecida a estrutura fatorial da medida de causas do estupro, decidiu-se avaliar seus indicadores de precisão. No caso, observaram-se os seguintes alfas de Cronbach: 0,92 (*dominação masculina*), 0,84 (*sociedade/socialização*), 0,77 (*culpabilização da vítima*), 0,73 (*sexualidade masculina*) e 0,71 (*hostilidade masculina*). Comparados estes coeficientes com aqueles do Estudo 1, observou-se que apenas para o terceiro componente (sexualidade

masculina) houve diferença ($HW_M = 11,73$, $p < 0,01$); em *culpabilização da vítima* se verificou diferença marginalmente significativa ($HW_M = 4,76$, $p = 0,09$), não tendo sido observada qualquer diferença para os demais componentes ($HW_M < 1$).

Por último, no que tange à análise convergente, as pontuações da Escala de Percepção de Causas do Estupro se correlacionaram com aquelas dos fatores da Escala de Atitudes frente a Vítimas de Estupro (EAVE). Especificamente, *dominação masculina* se correlacionou negativamente com todos os fatores da EAVE: *culpabilização da vítima* ($r = -0,32$, $p < 0,01$), *credibilidade da vítima* ($r = -0,17$, $p < 0,01$) e *merecimento da vítima* ($r = -0,15$, $p < 0,03$); *sociedade/socialização* se correlacionou unicamente com o fator *culpabilização da vítima* ($r = -0,25$, $p < 0,01$); *sexualidade masculina* o fez com os fatores *merecimento da vítima* ($r = 0,39$, $p < 0,01$) e *credibilidade da vítima* ($r = 0,37$, $p < 0,01$); *culpabilização da vítima (EPCE)* se correlacionou com todos os fatores da EAVE: *merecimento da vítima* ($r = 0,54$, $p < 0,01$), *credibilidade da vítima* ($r = 0,48$, $p < 0,01$) e *culpabilização da vítima* ($r = 0,25$, $p < 0,01$); e, por fim, *hostilidade masculina* se correlacionou com os fatores *credibilidade da vítima* ($r = 0,28$, $p < 0,01$) e *merecimento da vítima* ($r = 0,24$, $p < 0,01$).

Discussão

Considerando a necessidade do entendimento da percepção dos indivíduos acerca da causa do estupro, a fim de auxiliar na compreensão dos fatores que levariam a atitudes negativas frente a vítimas desta violência e a ampliação do debate para outros aspectos estruturais que circundam este fenômeno, este estudo demandou a adaptação de uma medida de causa do estupro. Neste sentido, este artigo foi dividido em dois momentos, onde o primeiro teve por objetivo a adaptação da medida de Percepção de Causa do Estupro (EPCE) de Cowan e Quinon (1997), em que foi realizada a tradução dessa escala bem como a análise fatorial da medida, e em um segundo estudo foi feito a análise confirmatória da estrutura fatorial deste instrumento, bem como a análise convergente.

A estrutura proposta pelos autores do instrumento inicialmente foi de 32 itens. Diante da análise fatorial realizada no primeiro estudo, não foi possível observar a mesma estrutura como sendo relevante para o contexto brasileiro, então, a estrutura da escala sofreu alterações devido à baixa carga fatorial de acordo com os critérios de inclusão, sugerindo uma nova estrutura fatorial da escala, agora composta por 24 itens.

O primeiro estudo se centrou principalmente nos aspectos da validade de construto (estrutura fatorial e consistência interna). Em geral, os resultados apontados neste estudo corroboraram aqueles descritos por Cowan e Quinton (1997). Apesar dos critérios de Kaiser e Horn, mostram soluções diferentes, optou-se, por levar em consideração o critério de Horn por ser compreendido como o mais robusto pela literatura, este corroborou com a validade de conteúdo, em que os itens saturados estavam de acordo com os fatores sugeridos por Cowan e Quinto (1997) em seu estudo inicial, sendo estipulado uma estrutura pentafatorial, cuja consistência interna foi satisfatória de acordo com o prescrito pela literatura (0,80; Pasquali, 2012).

Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) da medida foram adequados variando entre 0,70 (fator 5) a 0,96 (fator 1) no primeiro estudo e de 0,71 (fator 5) a 0,92 (fator 1) no segundo estudo. Conforme descrito anteriormente, os resultados encontrados neste estudo corroboram com os resultados de Cowan e Quinton (1997), no que se refere à estrutura e confiabilidade da escala, os fatores observados corresponderam aos mesmos propostos pelos autores.

O segundo estudo voltou-se para maiores evidências psicométricas da adequação da medida Escala de Percepção de Causa no Estupro no contexto brasileiro. Sua estrutura fatorial neste momento, assim como no Estudo 1, corroborou sua pentadimensionalidade, cuja consistência interna foi dentro do que tem sido observado previamente.

Além disso, no que tange a análise convergente da Escala de Percepção de Causa no Estupro (EPCE) com a medida de Atitudes Frente a Vítimas de Estupro (EAVE) foi identificado uma relação

significativa entre os fatores das medidas, onde o fator *dominação masculina* se correlacionou de maneira negativa e significativa com todos os fatores da EAVE, demonstrando que quanto mais as pessoas atribuem as causas do estupro a dominação masculina, menos elas culpabilizam a vítima dessa violência, bem como, endossam a credibilidade do discurso dessas vítimas (*credibilidade da vítima*) e assumem que essas não merecem sofrer tal violência (*merecimento da vítima*). Ou seja, pessoas que admitem o machismo como um aspecto responsável pela violência sexual tendem a ter atitudes mais positivas frente às vítimas de estupro, estes achados estão de acordo com o estudo de Barbosa (2017), que verificou que quanto mais machista o indivíduo se declara, mais atitudes negativas em relação às vítimas de estupro tende a endossar.

No que tange o fator *sociedade/socialização*, apenas foi significativa a correlação com o fator *culpabilização da vítima* da EAVE, de forma negativa, o que demonstra que pessoas que endossam a percepção de que o estupro é causado devido a uma estrutura social complexa, onde a sociedade encontra-se como responsável por essa forma de violência, não percebem as vítimas enquanto culpadas. Estes resultados indicam para a necessidade de trazer maiores debates acerca da violência sexual em instâncias sociais, conscientizando os indivíduos acerca da violência sexual, seja por meio da educação ou de políticas públicas preventivas e de intervenção, a fim de diminuir os índices de violência sexual e de atitudes negativas em relação a essas vítimas (Oliveira, 2019).

Já o fator *sexualidade masculina* obteve correlação significativa com os fatores *credibilidade da vítima* e *merecimento da vítima*. Nesse sentido, as pessoas que acreditam que o estupro é causado devido a sexualidade desregrada dos homens, tendem a endossar atitudes negativas quanto à credibilidade do discurso da vítima bem como acreditam que essas merecem o estupro. Isto é, quando os sujeitos acreditam que os homens tem uma sexualidade instintivamente violenta e incontável, percebem as vítimas como merecedoras e não acreditam no discurso dessas, essa visão

é extensamente perpetuada em estudos sobre os fatores que levam um homem a estuprar uma mulher (Ab Rahman et al, 2018; Cowan & Quinton, 1997), entretanto, não existem evidências de que os homens tenham um instinto sexual incontrollável e violento, os estudos apontam que apesar de existirem padrões comportamentais sexuais diferentes entre homens e mulheres, a sexualidade humana está estritamente ligada à forma de socialização dos indivíduos, ou seja, como são educados sexualmente (Gagnon & Simon, 2017).

Quanto ao componente *culpabilização da vítima* da EPCE, apresentou correlação positiva significativa com todos os fatores da EAVE, demonstrando que aqueles que percebem que a causa do estupro é devido ao comportamento da vítima, endossam atitudes negativas frente a elas de maneira generalizada. Esses fatores são representados por estereótipos de comportamentos das mulheres, e corroboram os estudos de Spencer (2016) que demonstraram que os estereótipos de gêneros exercem forte relação com a culpabilização da vítima.

Por fim, o fator *hostilidade masculina* apresentou correlação positivamente significativa com os fatores *credibilidade da vítima* e *merecimento da vítima*, aqui é observado que mesmo quando os sujeitos admitem a causa do estupro a características do estuprador, ainda assim tendem a assumir atitudes negativas frente à vítima da violência, endossando crenças que deslegitimam seu discurso e acreditam que elas mereciam tal violência. Estes achados corroboram os estudos propostos por Sussenbach et al (2017), que demonstraram que por mais que as pessoas tenham acesso a características do agressor, preferem características sobre a vítima para designar a culpa pelo estupro.

Diante desse panorama, nota-se que as atitudes negativas frente às vítimas de estupro estão associadas a atributos individuais, pois foi verificado que todos os fatores nesta dimensão (*sexualidade masculina*, *culpabilização da vítima* e *hostilidade masculina*) se correlacionaram positivamente com os fatores da EAVE (*credibilidade da vítima*, *merecimento da vítima* e *culpabilização*

da vítima), sendo esses resultados também verificados em outros estudos (Akvardar & Yüksel, 1993; Barbosa, 2017; Gölge et al., 2003).

Não obstante, é importante destacar que muitos desses achados também estão associados à forma como este fenômeno é investigado. É notória a escassez de estudos que investiguem outras variáveis além dos mitos de estupro e da percepção da vítima e do agressor. Diferente dos demais estudos, os resultados demonstram que quanto mais os indivíduos endossam crenças de que o estupro está associado a dimensões sociais (*sociedade/socialização* e *dominação masculina*), menos estes tendem a culpabilizar a vítima, sendo essa percepção mais forte quando os sujeitos admitem a existência da influência da dominação masculina nesse contexto.

Estes achados corroboram os estudos que demonstram que quando o Estado intervém de forma prática na educação dos indivíduos tende a mudar a percepção desses acerca da violência, não somente em relação aos envolvidos (vítima e agressor), mas também promove a prevenção de recorrência de abuso sexual infantil, que atualmente representam a maioria das vítimas, cerca de 58% dos casos de estupro são de meninas menores de 13 anos (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018; Rede Brasil Atual, 2019). Quando os indivíduos se conscientizam do papel da sociedade e da forma pela qual os homens são socializados, tendem a compreender o estupro como uma violência multifacetada, que exige uma compreensão maior acerca da violência.

Nesse sentido, pode-se considerar que a escala aqui estudada contribui para o entendimento dos processos de percepção de causa do estupro, bem como de atribuição de culpa neste cenário. Entretanto, o processo de validade de um instrumento é contínuo, novas pesquisas são assim sugeridas para garantir a confiabilidade deste instrumento, o que demanda estudos futuros.

É necessário considerar as limitações deste estudo, que se voltam a amostra quando considerado a população brasileira como um todo, mesmo a amostra deste estudo estando dentro dos parâmetros estatísticos para um estudo sig-

nificativo, a amostra se restringiu somente à população universitária, sugerindo-se novos estudos com a população geral. Além disso, é importante destacar que este artigo traça aspectos psicométricos iniciais, não se pode generalizar os achados deste estudo, recomenda-se que estudos futuros investiguem o poder preditivo desta medida por meio de pesquisas experimentais. Não obstante, é importante analisar as implicações práticas da percepção de causa do estupro em outras áreas e amostras, a despeito dos âmbitos da área criminal, com agressores e vítimas, propondo a compreender melhor como ambos entendem as causas dessa violência, sugerindo também, trabalhos na área de rede de apoio à vítima, tais como, policiais, assistentes sociais, médicos, psicólogos e enfermeiros, a fim de analisar a percepção desses acerca da causa do estupro e a implicação de crenças pessoais desses profissionais, seja de ordem religiosa, moral, biológica e psicológica, no manejo com as vítimas.

Referências

- Ab Rahman, Z., Kamarzaman, M. H., Ibrahim, M., Awang, J., Salleh, K., Abdullah, S. N. H. S., & Badaruzzaman, W. H. W. (2018). Internal Factors That Lead To Crime Rape According To Islamic Scholars In Malaysia. *International Journal of Business and Social Science*, 9(2), 204-209. https://ijbssnet.com/journals/Vol_9_No_2_February_2018/22.pdf
- Almeida, J. S., Ferreira, B. B. M., & Silva, T. (2019). A percepção das mulheres da baixada fluminense sobre a cultura do estupro. *Psicologia & Conexões*, 2. <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/psicologiae-suasconexoes/issue/view/337>
- Azevedo, E., & Françoze, M. (2006). Caetana e Inácia: duas histórias de mulheres na sociedade escravocrata. *Cadernos Pagu*, (26), 455-461. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100019>
- Akvardar, Y., & Yüksel, S. (1993). Cinsel tecavüze uğrayan kişilere karşı alınan tavır (Attitudes toward rape victims). *Nöropsikiyatri Arşivi*, 30, 347-351.
- Barbosa, L. H. G. M. (2017). *Atitudes frente as vítimas de estupro: O papel de variáveis socioculturais e sociopsicológicas* [Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba]. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13772?locale-pt_BR.
- Bueno, S., & Lima, R. S. (2019). *Dados de violência contra a mulher são a evidência de desigualdade de gênero no Brasil*. Recuperado em 26 set. 2019, de <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/dados-de-violencia-contra-a-mulher-sao-a-evidencia-da-desigualdade-de-genero-no-brasil.ghtml>
- Bumby, K. (1996). Assessing the cognitive distortions of child molesters and rapists: Development and validation of the MOLEST and RAPE scales. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8, 37-54. <https://doi.org/10.1177/107906329600800105>
- Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 217-230. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.217>
- Braga Júnior, W. C., & Braga, A. P. S. F. (2015). Adestrar os corpos, civilizar os sentidos: a honra como dispositivo de controle da sexualidade no Brasil (colônia e império). *Entrepalavras*, 5(3), 207-218. http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24337/1/2015_art_wcbjuniora-posfbraga.pdf
- Brasil (2015). *Fórum de Segurança Pública. Anuário brasileiro de segurança pública, 2015*. Recuperado em 1 ago. 2019, de http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/anuario_2015.retificado_.pdf
- Buchwald, E., Fletcher, P. R., & Roth, M. (1993). *Transforming a rape culture*. Milkweed Editions.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming* (2. ed.). Routledge.
- Campos, A. A. (2016). A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. *Revista Espaço Acadêmico*, 183, 1-13. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32937/17062>
- Cowan, G., & Quinton, W. J. (1997). Cognitive style and attitudinal correlates of the perceived causes of rape scale. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 227-245. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00110.x>
- Costin, F. (1985). Beliefs about rape and women's social roles. *Archives of Sexual Behavior*, 14, 319-325. <https://doi.org/10.1007/BF01550847>
- Cook, S. L. (1995). Acceptance and expectation of sexual aggression in college students. *Psychology of Women Quarterly*, 19, 181-194. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00286.x>
- Coker, A.L., Cook-Craig, P.G., Williams, C.M., Fisher, B.S., Clear, E.R., Garcia, L.S., & Hegge, L.M. (2011). Evaluation of Green Dot: An active bystander intervention to reduce sexual violence on college campuses. *Violence Against Women*, 17, 777-796. <https://doi.org/10.1177/1077801211410264>
- Escritório de Nações Unidas para Crime e Drogas. (2018). *Ambiente doméstico concentra maior número de assassinatos de mulheres no mundo, aponta relatório do UNODC*. Recuperado em 01 de outubro, 2020 de <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2018/11/ambiente-domstico-concentra-maior-nmero-de-assassinatos-de-mulheres-no-mundo--diz-onu.html>
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário brasileiro de segurança pública 2019*. Recuperado em 26 set. 2020, de <http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>

- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2015). *Anuário brasileiro de segurança pública 2015*. Recuperado em 10 mar. 2020, de http://www.forumseguranca.org.br/storage/9_anuario_2015.retificado.pdf
- Frazier, P. A. (2003). Perceived control and distress following sexual assault: A longitudinal test of a new model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1257–1269. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.84.6.1257>
- Gagnon, J. H. & Simon, W. (2002). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality* (2nd ed.). Roudledg. <https://doi.org/10.4324/9781315129242>
- Gölge, Z. B., Yavuz, M. F., Müderrisoglu, S., & Yavuz, M. S. (2003). Turkish university students' attitudes toward rape. *Sex Roles*, 49, 653–661. <https://doi.org/10.1023/B:SERS.0000003135.30077.a4>
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E. Black, W. C., & (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman.
- Hermann, C. A., Babchishin, K.M., Nunes, K. L., Leth-Steensen, C., & Cortoni, F. (2012). Factor structure of the Bumby RAPE Scale: A two-factor model. *Criminal Justice and Behavior*, 39, 869–886. <https://doi.org/10.1177/0093854812436802>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly*, 31, 357–370. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>
- Lanier, C. A., & Elliot, M. N. (1997). A new instrument for the evaluation of a date rape prevention program. *Journal of College Student Development*, 38, 673–676.
- Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940. (1940). Dos crimes contra a dignidade sexual. Recuperado em 1 ago. 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm
- Loughnan, S., Pina, A., Vasquez, E. A., & Puvia, E. (2013). Sexual objectification increases rape victim blame and decreases perceived suffering. *Psychology of Women Quarterly*, 37(4), 455–461. <https://doi.org/10.1177/0361684313485718>
- Lottes, I. L. (1991). Belief systems: Sexuality and rape. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 4, 37–59. https://doi.org/10.1300/J056v04n01_05
- Maia, R. A. S. (2017). A culpabilização da vítima no crime de estupro. *Revista da Faculdade de Direito Santo Agostinho*, 7(1), 41– 49. https://assetsitabuna.fasa.edu.br/arquivos/old/arquivos/files/Fas@jus%20v_7_%20n_1_%202017.pdf#page=41
- McMahon, S., & Farmer, G. L. (2011). An Updated Measure for Assessing Subtle Rape Myths. *Social Work Research*, 35, 71– 81. <https://doi.org/10.1093/swr/35.2.71>
- McKimmie, B. M., Masser, B. M., & Bongiorno, R. (2014). What counts as rape? The effect of offense prototypes, victim stereotypes, and participant gender on how the complainant and defendant are perceived. *Journal of interpersonal violence*, 29(12), 2273–2303. <https://doi.org/10.1177/0886260513518843>
- Melo, B. O., Amaral, S. T., & Junior, A. S. (2014). O delito de estupro. *Etic- Encontro de Iniciação Científica*, 10(10), 1-15. <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4209>
- Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente a violência contra a mulher: O papel dos valores e da desumanização da mulher* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba] <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7643/2/arquivototal.pdf>
- Oliveira, E. A. S. (2019). O papel da educação escolar no combate à cultura do estupro. *Saber Digital*, 12(9), 160–171.
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. LabPam.
- Payne, D. L., Lonsway, K. A. & Fitzgerald, L. F. (1999). Rape myth acceptance: Exploration of its structure and its measurement using the Illinois Rape Myth Acceptance Scale. *Journal of Research in Personality*, 33(1), 27–68. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1998.2238>
- Price, E. L., & Byers, E. S. (1999). The dating violence research team the attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351–375.
- Rede RBA. (2019). Educação sexual, nas escolas e em casa, evita abuso de crianças e adolescentes, RBA Rede Brasil Atual, Recuperado em 27 set. 2020, de <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/05/educacao-sexual-em-casa-e-na-escola-evita-abuso-de-criancas-e-adolescentes>
- Scarpati, A. S., Guerra, V. M., & Duarte, C. N. B. (2014). Adaptada ao Brasil por: Adaptação da escala de aceitação dos mitos de estupro: evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 57–65. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v13n1/v13n1a08.pdf>
- Sommacal, C. L., Tagliari, P. A. (2017). A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC*, 24(30), 245–268. <https://doi.org/10.14295/revistadaesmesc.v24i30.p245>
- Spencer, B. (2016). The impact of class and sexuality-based stereotyping on rape blame. *Sexualization, Media, & Society*, 2(2) 1–8. <https://doi.org/10.1177/2374623816643282>
- Süssenbach, P., Eyssel, F., Rees, J., & Bohner, G. (2017). Looking for blame: Rape myth acceptance and attention to victim and perpetrator. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15), 2323–2344. <https://doi.org/10.1177/0886260515591975>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. (6. Ed.). Allyn and Bacon.
- Ward, C., (1988). The attitudes toward rape victim's scale. *Psychology of Women Quarterly*, 12(2), 127–146. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1988.tb00932.x>

Francicléia Lopes Silva

Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; professora da Faculdade Três Marias (FTM), em João Pessoa, PB, Brasil.

Heloísa Bárbara Cunha Moizéis

Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; bolsista financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

Gleudson Diego Lopes Loureto

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; professor do UNIFIP Centro Universitário, em Patos, PB, Brasil.

Alessandro Teixeira Rezende

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; professor da Faculdade de Integração do Sertão (FIS), Serra Talhada, PE, Brasil.

Valdiney Veloso Gouveia

Doutor em Psicologia Social pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha; professor titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil.

Endereço para correspondência

Francicléia Lopes Silva
Luiz Alves Conserva, 211
Jardim São Paulo, 58051-090
João Pessoa, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.